



---

## DA BELLE ÉPOQUE À DECADÊNCIA: UMA VISÃO HISTÓRICA DE MANAUS NO ROMANCE DOIS IRMÃOS

## FROM THE BELLE ÉPOQUE TO DECAY: A HISTORICAL VIEW OF MANAUS IN THE ROMANCE DOIS IRMÃOS

**Eulisson Nogueira de Sousa**

Secretaria de Estado da Educação - SEDUC/RO

E-mail: nog.eulisson@hotmail.com

**Sonia Maria Gomes Sampaio**

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: soniagogesampaio@gmail.com

### RESUMO:

Este artigo se propõe a defender o diálogo entre história e literatura, tendo como base o romance *Dois Irmãos* do escritor amazonense Milton Hatoum. Como Romance o texto literário trata do ficcional, e é dotado de plurissignificação, porém, é impossível não situar um leitor através de fatos e datas para que o ambiente, uma das categorias da narrativa, e parte do enredo, seja construído de forma homogênea e leve-o ao entendimento do texto lido. Em sendo assim, com o objetivo de estabelecer diálogos entre o real e o ficcional, o artigo em tela buscou através dos aportes teóricos de Alfredo Bosi (2005) e Chartier (1996) fazer tais aproximações, uma vez que são teóricos da literatura e da história, respectivamente. Para esses teóricos não há um total engavetamento da ficção e da realidade, uma total separação, ou individualidade nos campos dos saberes destas áreas, pois ambas as ciências dialogam dentro do texto literário permitindo ao leitor uma visão global da narrativa.

**Palavras-chave:** Ficção. Literatura. Dois irmãos.

### ABSTRACT:

This article proposes to defend the dialogue between history and literature, based on the novel *Dois Irmãos* by the Amazonian writer Milton Hatoum. As Romance, the literary text deals with the fictional, and is endowed with plurissignification, however, it is impossible not to situate a reader through facts and dates so that the environment, one of the categories of the narrative, and part of the plot, is

constructed in a homogeneous and I take it to the understanding of the text read. Thus, in order to establish dialogues between the real and the fictional, the article on the screen sought to make such approximations through the theoretical contributions of Alfredo Bosi (2005) and Chartier (1996), since they are theoreticians of literature and history, respectively. For these theorists there is not a total engavement of fiction and reality, a total separation, or individuality in the fields of knowledge of these areas, since both sciences dialogue within the literary text allowing the reader a global view of the narrative.

**Keywords:** Fiction. Literature. Two brothers.

## INTRODUÇÃO

Nenhuma voz ecoa do nada, nenhum texto pode ser escrito a partir do nada, tudo um dia antes já foi dito. E é nesta concepção que entendemos o texto literário e entendemos que este não nasce do nada, assim como toda história, nasce também da oralidade, de algo que já foi dito, visto, documentado, e pode se constituir numa ficção, não exata veracidade, todo texto tem um ponto de partida.

O diálogo entre o saber histórico e o literário figura de tempos não tão longínquos, ou seja, desde a segunda metade do século XX, como afirma Hayden White (1994), e isso se dá, principalmente, na tentativa de não se estabelecer limites entre os saberes, por isso o corrente artigo está dividido em duas partes: na primeira trataremos sobre o diálogo possível entre história e literatura, uma breve apresentação, com apoio do crítico literário Alfredo Bosi e o historiador Roger Chartier, em dois textos que figuram exatamente o diálogo entre história e literatura, e na segunda parte a obra *Dois Irmãos* como aporte de acontecimentos históricos na Manaus do século XX e entendimento da sociedade vigente.

Ao analisarmos o romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, escrito no ano de 2006, percebemos a quebra desses discursos tradicionais de que História e a Literatura são saberes totalmente distintos e nunca ladeados, pois apesar de ter o texto um trabalho intenso, com as cargas mnemônicas e temporais, é claramente perceptível a presença dos entroncamentos históricos que servem principalmente para situar o leitor em determinado tempo (cronológico) e espaço dentro do objeto narrado.

Através da voz, o olhar e as memórias de Nael, advindas de seu avô Halim, somos levados a conhecer a história de Manaus, bem como de uma parte da Amazônia, onde está situada a cidade de Manaus, nos períodos áureos da borracha até a queda deste ciclo que tanto enriqueceu e embelezou essas paragens perdidas do poente, na escrita euclidiana, essa “terra sem história”. A queda do ciclo econômico, a chegada dos imigrantes, a saída dos soldados da borracha dos seringais e o povoamento desordenado da cidade, bem como o início da modernização de Manaus, ou ao menos a sensação desta, a ditadura militar, o desaparecimento da cidade flutuante que dará lugar a Zona Franca de Manaus, são fatos históricos bem marcados no romance de Milton Hatoum que conectam em um mesmo corpus a Literatura e a História, que fazem estes campos dialogarem e caminharem paralelamente.

## **1 HISTÓRIA E LITERATURA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL**

O diálogo entre História e Literatura figura pelos meados do século XIX com o advento de novos paradigmas dos novos modelos interpretativos da realidade social e da investigação do passado. Uma busca pelo reconhecimento e a afirmação da História como ciência. Essa revisão dos estudos tanto históricos quanto literários deu-nos uma nova visão desses campos do saber, levando-os a uma aproximação, segundo Bosi (2005, p. 323), onde há “unicidade ou irrepetibilidade, da parte do objeto; seletividade e perspectiva, da parte do estudioso”, em que obras de arte e eventos históricos possuem características únicas, particulares, porém convergindo em alguns pontos. Cada campo possui sua autonomia, que exige selecionar os eventos, tanto na obra literária quanto na realidade cotidiana, o que dá também uma particularidade de estudo. Um evento pode bem figurar em uma obra literária como ponto de apoio ao entendimento da sociedade presente no ato da narração.

Sendo assim, a História constitui-se em apoio fundamental, pois o literato assim como o historiador torna-se um agente investigativo por meio da leitura, não só da palavra, mas da palavra interpretativa de todo o universo narrado. Quando a Literatura tematiza a História, ultrapassa sempre as questões clássicas dos historiadores, e nos permite construir de outro modo o próprio objeto de sua indagação (Chartier, 1996).

*Igarapé, v. 12, n. 1, 2019, p. 30-41*

Em sendo assim, não só o leitor apreciador, comum, mas a leitura investigativa, documental da obra literária, o leitor historiador, também se torna importante fonte, nas palavras de Chartier (1996), já que a literatura não se limita ao que é petrificado, mas avança para vários saberes diversificados, a fim de criar um todo significativo, um campo para atuação do literário. É possível traçar um diálogo entre esses dois campos, a exemplo dos culturalistas que, nas palavras de Bosi:

Reconheciam na história da civilização amplos movimentos culturais que correspondiam a determinados períodos históricos bem demarcados. Daí provém a admissão de grandes estilos de época em que se inserem atos, fatos e obras: o Renascimento, o Maneirismo, o Barroco, o Rococó, o Arcadismo, o Neoclassicismo, o Romantismo, o Realismo, o Naturalismo, o Simbolismo, para ficar só com as denominações de movimentos mapeados até o fim do século XIX. O conhecimento desses estilos seria, portanto, um primeiro passo para agrupar personalidades e obras discriminando o que estas teriam de comum entre si no bojo das tendências ideológicas do seu tempo. (Bosi, 2005)

A presença da historicidade no texto literário permite uma leitura mais ampla e social do romance. Esta leitura, por sua vez, situa o leitor, de maneira didática, para que este entenda os engendramentos da obra, conheça os costumes e estilos, dentro do narrado, a época em que se apresentam; e são diversos os exemplos dentro dos textos literários, principalmente no romance romântico e no romance realista, a partir do século XIX. A isso denominamos fontes culturais, dentro da crítica literária, a prova de que ninguém fala de um vazio, ou parte de um nada. Para a história tradicional não existe um paralelo entre os dois saberes, cada saber atua em seu campo de estudo, sem ultrapassar fronteiras. Assim, a literatura é tão e somente ficcional, enquanto a história é verídica por tratar de fatos documentais comprobatórios.

Ao falar sobre a relação entre História e Literatura Roger Chartier (1996, p. 197) aponta-nos dois caminhos distintos: um “ênfatisa o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos” e o outro é que se “descobre em alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético” (CHARTIER, 1999, p. 197). No primeiro está o reconhecimento da pluralidade dos lugares de onde ecoam as vozes, seus atores e os efeitos produzidos pelos discursos na busca da construção de sentidos e

o segundo está relacionado com o fato de uma obra ser ficcional e ainda assim abrir espaço para que um historiador a use como documento, identificando quem fala, de onde fala e que linguagem utiliza. É um pensamento sobre (em cima) a “instituição literária”, termo utilizado por Chartier para figurar esse segundo pensamento e a relação entre os saberes históricos e literários. Pensamento convergente ao de Pesavento (1990) quando aproxima esses dois campos num estudo de renovação epistemológico da história contemporânea. Nas palavras da referida historiadora:

(...) a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. (...) A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado. (PESAVENTO, 1990)

A discussão ainda não está tão clara, há muitas divergências dentro de cada campo em específico, mas já podemos perceber um grande avanço nessa tentativa de aproximação, assim como o texto literário, o documento historiográfico também é intertextualizado e interpretativo, algo comum entre os dois objetos. Tomando as falas dos historiadores podemos ver que ao remeter-se a análises profundas da obra literária, o crítico literário, o literato, mergulha nesses saberes a fim de buscar um apoio exato em referências e citações, algumas vezes datas de fatos históricos ou características desses determinados fatos, e não tatear em subjetivismos, bem como o historiador pode buscar dentro da obra literária os fatos comprobatórios de determinados acontecimentos. É fato que os campos de saberes não se constituem sozinhos e as fronteiras são rompidas. Dentro dessa percepção do rompimento de fronteiras adentremos o romance contemporâneo de Milton Hatoum, *Dois Irmãos*.

## **2 DOIS IRMÃOS E AS POSSIBILIDADES PARA UMA LEITURA HISTÓRICA**

No texto hatouniano sobre olhar e voz de Nael, narrador personagem, podemos acompanhar a história de Manaus em quarenta anos, que vai do êxtase do ciclo da borracha à decadência do fim da guerra e início da tentativa de modernização da cidade de Manaus com a criação da Zona Franca. Ainda pouco explorada a região

Norte do Brasil, após a posse de Marques de Pombal como secretário de Estado do Reino de Portugal, passa a movimentar a região amazônica, a fim de consolidar a soberania portuguesa sobre as terras achadas.

Exemplo da soberania portuguesa sobre as terras, ditas achadas, foi a criação do Grão-Pará que se deu em 1821 e durou até 1889 e após algumas revoluções deu-se a criação do Alto da Barra, em 1850, posteriormente nomeada como Manaus. O fato abriu caminhos para a maciça exploração da borracha, *havea brasiliensis*, e com isso a chegada de um progresso, ou a uma ideia de progressão por parte dos moradores dessas paragens amazônicas.

A seca no Nordeste do Brasil e a grande oportunidade de trabalho por conta do ciclo da borracha faz florescer no coração do homem a esperança de dias melhores e é nessa concepção que nordestinos, cearenses, principalmente, são incentivados por programas governamentais, adentrar o norte do país e se deparam com uma realidade totalmente distorcida.

O escritor Euclides da Cunha num de seus ensaios intitulado *Terra sem história* pertencente à obra *À margem da história*, elucida a chegada e estadia dos novos expatriados de sua própria pátria e o trabalho no seringal lembrado por Hatoum na composição de sua obra:

Se enchiam em poucas semanas de uma população adventícia, de famintos assombroso, devorados das febres e das bexigas – a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-los quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. (...) Mandava-nos para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatriá-los dentro de sua própria pátria. (...) Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem. (CUNHA, 2002, p.325)

No texto euclidiano vemos a configuração e formação dessa sociedade de trabalhadores braçais que mais tarde serão denominados como soldados da borracha e que viviam em condições desprezíveis dentro das selvas amazônicas. Esses trabalhadores chegavam no Norte já endividados e com isso trabalhavam não só para o próprio sustento, como para o pagamento de suas dívidas adquiridas na vinda até a terra do El Dourado. Um mito contado não só no Brasil como fora dele também, pois nesses tempos áureos da borracha o país recebe também imigrantes de todas as

partes do mundo, principalmente os sírio-libaneses que estabelecem comércio dentro da região amazônica.

Por volta de 1914, Galib inaugurou um restaurante Biblos no térreo da casa (...) um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo. (HATOUM, 2006, p. 36)

Essa chegada progressista é bem marcada na obra hatouniana, logo em seu início, principalmente, a descrição dos grandes casarões e de pessoas importantes da sociedade manauara, as lojas com ares parisienses que fazia de Manaus a “Paris dos trópicos”, título recebido no auge econômico promovido pelo ciclo da borracha, os comércios fundados pelos libaneses, a mudança dos costumes e o incremento culinário. Das memórias que ouve de Halim, Nael vai descrevendo esses pontos do *boom* pelo qual passou a Manaus do século XX e o próprio fim do ciclo da borracha, momento exato do início da trama, modificando social e paisagisticamente a cidade de Manaus:

Halim vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim da guerra migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus crescia assim: no tumulto de quem chega primeiro (HATOUM, 2006, p. 32)

O tumulto de quem chega primeiro é a exata fuga da exploração e miséria dentro da selva, a busca por uma oportunidade de dias melhores. A criação do bairro dos Educandos, um dos mais populosos dessa época, está intimamente ligada ao fim do ciclo da borracha. Esses trabalhadores de todos os recôncavos da Amazônia e beiras de rios, vinham a Manaus em busca de trabalhos e novas oportunidades e formavam um bairro a base de palafitas, a chamada: cidade flutuante. Um lugar subalterno formado por pessoas esperançosas de dias melhores a quem o comerciante Halim vendia seus produtos participando ativamente do lugar que muitas vezes é mencionado no romance. O velho sabia que o fruto daquela formação era advindo de uma esperança que nunca chegará e que já prenunciava uma outra

decadência, uma projeção do que mais na frente chamar-se-á de progresso, chegada da modernidade.

Nael, ao executar os pedidos de Zana, passeia por esses lugares e dá ao leitor através de seu olhar todas as impressões necessárias. Tanto das pessoas como do espaço físico por ele visto dentro de Manaus:

Aos domingos, quando Zana me pedia para comprar miúdos de boi no porto da Catraia, eu folgava um pouco, passeava ao léu pela cidade, atravessava as pontes metálicas, perambulava nas áreas margeadas por igarapés, os bairros que se expandiam àquela época, cercando o centro de Manaus. Via um outro mundo naqueles recantos, a cidade que não vemos, ou não queremos ver. Um mundo escondido, ocultado, cheio de seres que improvisavam de tudo para sobreviver, alguns vegetando, feito a cachorrada esquelética que rondava os pilares das palafitas. (HATOUM, 2006, p. 59 – 60)

São fortes as descrições feitas pelo narrador. No ato de seu passeio, ele observa as heranças deixadas pelos áureos tempos da borracha, os investimentos de estrangeiros no Brasil, a ponte de ferro construída com material vindo da Inglaterra e que imitava os grandes centros. Os passeios que permitiam uma observação próxima do que foi esse progresso e a descrição da nova vivência pós ciclo. A chegada era de forma desordenada, mais que para vivência, uma sobrevivência dentro desse espaço. Através desse olhar é possível perceber uma geonarrativa do lugar, os traços da cidade de Manaus no início do seu povoamento. Não eram poucas as construções improvisadas que remodelavam o centro da cidade. Das pessoas ainda que sobreviviam desse comércio advindo da borracha, os Reinosos eram tidos como pessoas da alta sociedade. Suas finanças são heranças do avô de Estelita, um dos magnatas do Amazonas, dono de embarcações a quem a neta de maneira orgulhosa expunha as fotografias e a vida deste ente do período dourado.

Ao longo da narrativa, o leitor é levado a uma contextualização socioeconômica do Brasil. A modernidade que chega na região Sul (Sudeste) do país, as grandes construções e a verdadeira metrópole. É no natal de 1949 que Yaqub, o gêmeo oposto a Omar, estudioso e dedicado, decide mudar-se para a cidade de São Paulo seguindo um conselho dado pelo seu professor de matemática, o padre Bolislal que dissera “vá embora de Manaus (...) se ficares aqui, serás derrotado pela província” (HATOUM, 2006, p. 32), a província que já era derrotada, que vivera seus tempos de glória e

surrupitada fracassou no caminho do progresso. O jovem segue o conselho e parte para estudar no grande centro onde se torna um grande engenheiro. A vida na metrópole não o assusta:

Com poucas palavras, Yaqub pintava o ritmo de sua vida paulistana. A solidão e o frio não o incomodavam; comentava os estudos, a perturbação da metrópole, a seriedade e a devoção das pessoas ao trabalho. De vez em quando, ao atravessar a praça da República, parava para contemplar a imensa seringueira. Gostou de ver a árvore amazônica no centro de São Paulo, mas nunca mais a mencionou. As cartas iam revelando um fascínio por uma vida nova, o ritmo dos desgarrados da família que vivem só. Agora não morava numa aldeia, mas numa metrópole. (HATOUM, 2006, p. 96)

O ritmo frenético da metrópole e a corrida contra o tempo vão silenciando o jovem provinciano que agora figura o grande centro. É perceptível o distanciamento do jovem do seu lugar de origem, a adaptação rápida à nova cidade, agora uma verdadeira metrópole, a sua empolgação pelas pessoas que cultuam o trabalho, que busca a cada dia seu lugar ao sol. Uma descrição fiel dos anos 80 e 90 da cidade de São Paulo. A saída das pessoas de todos os lugares do país que vão para a cidade em busca de alçar novos voos, construir novos caminhos. Aqueles que não querem ser devorados pela província. A árvore no centro da cidade representa a lembrança, porém somente a lembrança. Não traz o desejo de voltar a terra de origem e sim de crescer e expandir. A Amazônia é vista como fruto da riqueza natural, um elemento endeusado a quem figura somente a adoração, o louvor a um pedaço do paraíso dentro do Brasil.

Dos fatos e acontecimentos narrados dentro do romance, vemos ainda a construção de Brasília que dá ao Norte ares de esperança.

Noites de blecaute no Norte, enquanto a nova capital do país estava sendo inaugurada. A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a ideia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso. Zana, que na juventude aproveitara os resquícios desse passado, agora se irritava com a geladeira a querosene, com o fogareiro, com o jipe mais velho de Manaus, que circulava aos sacolejos e fumegava. Nessa época, Rânia quis modernizar a loja, decorá-la, variar as mercadorias. Halim fez um gesto de fadiga, talvez indiferença. Não tinham dinheiro para reformar a casa nem a loja, muito

menos os dois quartos dos fundos, onde eu e minha mãe dormíamos. (HATOUM, 2006, p. 96)

A construção da capital federal mostra o distanciamento cada vez maior do progresso nessas paragens amazônidas. A modernidade chega a todos os lugares, menos em Manaus. Ou talvez até chegue, porém só aos que tinham mais condições de tê-la, bancá-la. Rânia é a filha de Halim responsável pela loja, ainda tradicional por desejo do pai de desapegar-se de seu passado. A ideia do progresso invade o mormaço da Amazônia, porém o progresso depende de custeios, e a decadência da cidade é semelhante a decadência da família.

Halim não teve tempo de recusar a ajuda providencial. Uma boa amostra da indústria e do progresso de São Paulo estacionou diante da casa. Os vizinhos se aproximaram para ver o caminhão cheio de caixas de madeira lacradas; a palavra frágil, pintada de vermelho num dos lados, saltava aos olhos. Vimos, como dádiva divina, os utensílios domésticos novinhos em folha, esmaltados, enfileirados na sala. Se a inauguração de Brasília havia causado euforia nacional, a chegada daqueles objetos foi o grande evento na nossa casa. O maior problema era o corte quase diário de energia, de modo que Zana decidiu manter ligada a geladeira a querosene. Domingas, no fim da tarde, antes do blecaute, tirava tudo da geladeira nova e transferia para a velha. Tudo o que era novo, mesmo de uso limitado, impressionava. Yaqub surpreendeu ainda mais: mandou dinheiro para restaurar a casa e pintar a loja. (HATOUM, 2006, p. 97)

Numa visita à família, o agora engenheiro, e fruto do progresso sulista, percebe a decadência da família e lhes oportuna o gosto da modernidade. Nael compara toda essa euforia com a mesma sensação que a nação brasileira teve na inauguração de Brasília, o sentimento da renovação e da diferenciação.

Através desses escritos, o leitor do romance vai adentro fatos históricos, agora não só de Manaus, mas também do Brasil. O crescimento industrial, político e econômico antes do período ditatorial e as mudanças e transformações pós este período. E nesta figuração do período ditatorial que Halim vai percebendo as transformações, não só em casa, que nos novos tempos prometem.

Na voz do narrador vamos percebendo o quão o velho Halim gosta da cidade e da vida provinciana. Em quarenta anos o país vai passando por várias transformações e a obra hatouniana acompanha esses momentos da história nacional.

Numa tarde que ele escapara logo depois da sesta eu o encontrei na beira do rio Negro. Estava ao lado do compadre Pocu, cercado de pescadores, peixeiros, barqueiros e mascateiros. Assistiam, atônitos, à demolição da Cidade Flutuante. Os moradores xingavam os demolidores, não queriam morar longe do pequeno porto, longe do rio. Halim balançava a cabeça, revoltado, vendo todas aquelas casinhas serem derrubadas. Erguia a bengala e soltava uns palavrões, gritava "Por que estão fazendo isso? Não vamos deixar, não vamos", mas os policiais impediram a entrada no bairro. Ele ficou engasgado, e começou a chorar quando viu as tabernas e o seu bar predileto, A Sereia do Rio, serem desmantelados a golpes de machado. (HATOUM, 2006, p. 158-159)

O bairro dos Educandos aos poucos vai sendo destruído pelos policiais, serventes militares a mando do governo, e os moradores são mandados para os lugares onde não estão acostumados a viver, longe das águas. Moradores que uma vez já foram expulsos de seus lugares de origem, seja pela seca ou pela ideia de um rápido progresso, que como bravos soldados enfrentaram a mata a fim de alavancar economicamente o país, agora, mais uma vez, são reduzidos a quase nada. O progresso é decadente, destrói, torna o ser dependente. O bairro dos seringueiros, das vivências e histórias locais dará lugar mais tarde à Zona Franca de Manaus, símbolo da reconstrução, da fuga da decadência, da aposta no novo progresso que gera um abismo de novas decadências, muitas vezes inevitável e assim como a própria província morre, Halim, atrelado a ela, também morre.

Através dos trechos apresentados do romance hatouniano vamos percebendo o forte papel da história na contextualização do enredo. Pelos olhos do narrador e pela memória dos imigrantes que figuram a obra é possível entender cada traçado desse lugar, seus auge e sua queda, a tentativa de manter-se erguido e a firmeza de um povo que acredita no seu lugar. Uma forma de situar o leitor literário. Ao lermos podemos entender esse período pelo qual passou a cidade de Manaus, hoje a maior capital da Região Norte e do Brasil em números populacionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Dois Irmãos* é sem dúvidas um texto altamente subjetivo, pelas cargas da memória e pelas mãos do tempo. O leitor é levado a todo momento pela

*Igarapé, v. 12, n. 1, 2019, p. 30-41*

mão do narrador, que na busca por entender a sua própria história, acaba por figurar a história do lugar, a Amazônia. Esta figuração só é possível auxiliado pelo saber histórico. Lendo o texto podemos perceber essa forte marcação histórica, seja pelas datas apresentadas, seja pelos fatos e acontecimentos descritos e narrados dentro de *Dois Irmãos*. É inegável com tudo isso que exista um distanciamento entre realidade e ficção. Um historiador atento à boa leitura pode destrinchar de maneira documental e investigativa o texto literário, bem como um literato pode aprender sobre a história do lugar, os usos e costumes, as vivências, passados, de glória ou não, diante de um texto ficcional. A arquitetônica obra de Milton Hatoum quebra os paradigmas do tradicionalismo e rompe as fronteiras entre o ficcional e o real, assim como a própria, permite ao leitor um vai e vem de vários aprendizados.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **Caminhos entre a literatura e a história**. 2005. In: Estudos Avançados, n.º 55, set.- dez. de 2005. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000300024](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300024). Acesso em 05.03.2019.
- CUNHA, Euclides. **À margem da história**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- CHARTIER, Roger. **Literatura e História**. Disponível em: <<http://revistatopot.org/numerosanteriores/Topoi01/01debate>> Acesso em: 27 jun. 2017.
- CHARTIER, Roger. **Culture écrite et société. L'ordre des livres (XIV e-XVIII e siècles)**, Paris, Albin Michel, 1996.
- HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.